

Violência simbólica: Estigma e infantilização e suas implicações na participação social das pessoas idosas

Symbolic Violence: Stigma and infantilization and its implications on the social participation of the elderly

Violencia simbólica: estigma e infantilización y sus implicaciones para la participación social de las personas mayores

Bruna de Souza Gonsales Dutra
Claudia Reinoso Araujo de Carvalho

RESUMO: Este ensaio discute como uma abordagem inadequada à pessoa idosa pode interferir em sua autonomia e, conseqüentemente, em sua participação social. Trata-se de um estudo do tipo teórico-reflexivo, cuja discussão se dá a partir dos seguintes enfoques: o significado do envelhecer para a pessoa idosa e para a sociedade; estigmas; preconceitos; e infantilização e sua interferência nos modos de participação social da pessoa idosa. Conclui-se que tais aspectos exercem influência sobre a qualidade do processo de envelhecimento.

Palavras-chave: Envelhecimento; Estigma Social; Infantilização da Pessoa Idosa.

ABSTRACT: *This essay discusses how the inadequate approach to the elderly can interfere with their autonomy and, consequently, with their social participation. It was a theoretical-reflective study, whose discussion took place from the following focuses: the meaning of aging for the elderly and for society; stigmas, prejudices and infantilization and their interference in the ways of social participation of the elderly person. It is concluded that such aspects that influence the quality of the aging process.*

Keywords: *Aging; Social Stigma; Infantilization of the elderly.*

RESUMEN: *Este ensayo analiza cómo un abordaje inadecuado de las personas mayores puede interferir en su autonomía y, en consecuencia, en su participación social. Se trata de un estudio de tipo teórico-reflexivo, cuya discusión se desarrolla desde los siguientes focos: el significado del envejecimiento para las personas mayores y para la sociedad; estigmas; prejuicios; e infantilización y su injerencia en las formas de participación social de la persona mayor. Se concluye que estos aspectos influyen en la calidad del proceso de envejecimiento.*

Palabras clave: *Envejecimiento; Estigma Social; Infancia de los ancianos.*

Introdução

O envelhecimento populacional é um fenômeno que ocorre em todo o mundo desde as últimas décadas, sobretudo, devido à queda nas taxas de fertilidade e mortalidade e ao consequente aumento da expectativa de vida (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2015).

No Brasil, a transição demográfica se observa de maneira crescente. Em 2012, o número de pessoas idosas no país, era de 25,4 milhões. Este número, ampliado de forma progressiva, chegou ao total de 30,2 milhões em 2017, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) – (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2018).

Os dados demográficos são indicativos importantes da presença cada vez maior das pessoas idosas no cenário social, conferindo à ideia de envelhecimento enquanto um fenômeno coletivo. No entanto, outro aspecto que deve ser considerado é sobre o processo de envelhecimento quando percebido pela própria pessoa idosa. Não há um padrão único de envelhecimento, mas diferentes concepções sobre esse processo, experienciado pelo sujeito de forma subjetiva e individualizada, de acordo com sua história de vida e inserção no meio social e cultural (Minayo, 2002).

O envelhecimento, frequentemente, é interpretado pela sociedade como sinônimo de perdas, incapacidades, limitações, adoecimentos e dependência. Os estereótipos voltados à pessoa idosa - existentes na sociedade e incorporados pelas pessoas sem que se deem conta disso -, apresentam consequências prejudiciais, podendo afetar negativamente sua autoestima, assim como suas habilidades para enfrentar os desafios que lhe são impostos diariamente (Almeida, Mochel, & Oliveira, 2011).

Compreender a pessoa idosa como um ser frágil e dependente pode implicar na construção de um modo equivocado de referir-se a ela, o que contribui para uma forma de tratamento infantilizante. Este tipo de abordagem não a reconhece enquanto pessoa adulta que possui sua própria bagagem, suas vivências e capacidades, além de afetar de forma negativa sua autonomia (Floriano, *et al.*, 2012).

Propiciar às pessoas idosas maior autonomia é fundamental para que se promova seu *status* de forma mais ampla na sociedade e na comunidade onde estão inseridas. Logo, a participação social da pessoa idosa pode ser restringida pelo próprio familiar, quando a abordagem, muitas vezes de forma inconsciente e não intencional, contribui para a construção de uma zona de vulnerabilidade, implicando, dessa forma, na redução de sua participação.

De acordo com o estudo de revisão de literatura de Pinto e Neri (2017), verificou-se que os níveis de engajamento social diminuem na velhice. Para os autores, a participação social pode ser definida como o envolvimento das pessoas idosas em atividades sociais praticadas na comunidade. Nesse mesmo sentido, outros termos são encontrados na literatura como, por exemplo: integração social, integração comunitária, envolvimento comunitário, engajamento social.

Pressupõe-se que algumas das razões para a diminuída participação social das pessoas idosas estejam relacionadas aos estereótipos e à abordagem equivocada direcionada a elas. Dessa maneira, importa compreendermos de que maneira a forma com que a sociedade percebe o processo de envelhecimento pode contribuir negativamente para a conquista da autonomia e a participação ativa da pessoa idosa na vida social.

Este estudo tem por objetivo discutir a relação entre uma abordagem equivocada à pessoa idosa e sua autonomia e participação social.

Trata-se de um estudo teórico-reflexivo elaborado a partir das percepções das autoras e da análise de outros estudos publicados na temática, estes inerentes a distintas profissões: a da Psicologia, Enfermagem, Serviço Social, Medicina, Gerontologia, de caráter interdisciplinar.

A análise se deu a partir dos seguintes enfoques: 1) o significado do envelhecer para a população idosa e para a sociedade; 2) estigmas, preconceitos e infantilização da pessoa idosa; 3) modos de participação social das pessoas idosas.

O significado do envelhecer para a população idosa e para a sociedade. Estigmas, preconceitos e infantilização e sua influência nos modos de participação social das pessoas idosas

O processo de envelhecimento se constitui a partir de diversas visões e concepções, não sendo, então, um conceito fácil de definir, já que existem formas distintas de caracterizar esse fenômeno de acordo com a literatura. Ainda assim, há um ponto em comum entre os estudos, o de que o processo de envelhecimento é multidimensional, que este não ocorre de maneira universal e simultânea em todos os indivíduos, sendo, portanto, um processo biopsicossocial (Pinto, 2009; Andrade, *et al.*, 2011; Fralda, 2014; Pereira, Freitas, & Ferreira, 2014).

Segundo Fralda (2014), o envelhecimento pode originar muitas interpretações, sendo umas mais complexas que outras, pois se trata de um fenômeno culturalmente construído, que se transforma de acordo com a época vivida e de pessoa para pessoa. Dessa forma, para a autora supracitada, todas as vertentes precisam ser consideradas na realização de uma investigação sobre o envelhecimento, ou seja, deve ser elaborada uma análise complexa, e não um estudo parcial ou unidimensional sobre esse conceito.

No estudo de Andrade, *et al.* (2011), que envolveu entrevistas com profissionais de saúde, o envelhecimento humano foi compreendido como um processo no qual todo o indivíduo irá vivenciar perdas fisiológicas, cognitivas e funcionais. O estudo apontou que, para os profissionais entrevistados, esse processo é individual e natural do ciclo de vida humano. Adicionalmente, os profissionais relataram que alterações inerentes ao envelhecimento foram relacionadas pelas próprias pessoas idosas como doença ou estar doente.

É notório que o significado do envelhecer, na sociedade atual, muitas vezes está atrelado a condições patológicas. Associar, entretanto, o envelhecimento a problemas de saúde é reforçar a ideia de que a velhice está relacionada com a morte. Para os adolescentes participantes da pesquisa desenvolvida por Pereira, Freitas e Ferreira (2014), a pessoa idosa não possui mais sentido para a vida, a não ser aguardar a morte, ao que esses autores refutam com os seguintes dizeres:

Partilhar consensualmente desse significado, familiarizando-se da velhice por meio do sentido da morte prejudica a imagem da velhice e do idoso e do próprio processo de envelhecimento entre os adolescentes (Pereira, Freitas, & Ferreira, 2014, p. 606).

A percepção de que a condição debilitada e as perdas funcionais são próprias da idade ocasiona uma antecipação da vivência dessa realidade, o que gera o medo do envelhecer. Quando há o retrato da velhice como um segmento de perdas inevitáveis, encontra-se, como consequência, a diminuição do engajamento social (Andrade, *et al.*, 2011). Essa visão é afirmada com o discurso de uma pessoa idosa participante do estudo de Pinto (2009, p. 78), quando fala: “*Nós não podemos fazer nada, não temos poder. Somos a lama da sociedade, ninguém iria nos ouvir*”. Verifica-se que a compreensão dos próprios idosos em relação ao envelhecimento, muitas vezes, é permeada pela desvalorização de suas potencialidades, ou seja, demonstram uma visão negativa e improdutiva sobre si. Assim, nota-se que os sentimentos negativos e as baixas perspectivas em relação ao envelhecimento transmitem a ideia de que as pessoas idosas não são úteis para a comunidade, o que reproduz uma barreira para a participação social (Horton, *et al.*, 2008, como citado em Pinto, 2009).

A representação da velhice imposta pela sociedade exerce influência sobre a qualidade do processo de envelhecimento. Os fatores sociais, culturais, políticos, de ordem econômica, de gênero, familiar, de estilo de vida, acabam afetando o modo de ser do sujeito e as estruturas psíquicas que o constituem (Teixeira, *et al.*, 2015).

A partir do nascimento, o ser humano é inserido em um contexto social atravessado por crenças, ideais e juízos de valor. Assim, com o passar do tempo, essas concepções vão se internalizando, até que se tornem uma crença inabalável. Socialmente é notada uma visão negativa a respeito do “tornar-se idoso”, comparando-se a experiência de envelhecer a uma luta constante, em que a pessoa idosa tende a aceitar essa ideia preconcebida, sem que consiga vivenciar esse processo de modo natural como uma fase da vida (Andrade, 2011; Teixeira, *et al.*, 2015).

Ao internalizar uma imagem negativa da velhice, a pessoa idosa poderá desenvolver prejuízos emocionais, trazendo-lhe um conformismo perante essas práticas. Tais estereótipos produzem uma imagem de fragilidade absoluta e contínua, sem ponderar as implicações que essas atitudes acarretam na vida da pessoa, como o isolamento, o adoecimento, o sentimento de solidão, o desinteresse pela história de vida, o apagamento subjetivo e a exclusão social (Fralda, 2014; Rosa, & Vilhena, 2016; Teixeira, *et al.*, 2015; 2016).

Minayo (2002) destaca alguns fatores que estão arraigados no imaginário social gerando impacto sobre a maneira com que os idosos se veem e são vistos, sendo eles: a) a interpretação da velhice como um problema, quando se assemelha o processo de envelhecimento a uma carga

emocional, tanto para a família quanto para a sociedade, relacionando, neste caso, a velhice a situações socioeconômicas difíceis; b) a ideia de que a pessoa idosa é descartável, pois, segundo a lógica do capitalismo, o aposentado ou dependente financeiro é um ser desvalorizado, a que se associa, então, o envelhecimento à decadência; c) a ideia de velhice como um problema social, que afeta as relações familiares, médicas e sociais, pela visão de serem pessoas que ocasionam conflitos intergeracionais familiares; d) na visão médica, na qual são vulneráveis e demandam um alto custo hospitalar e; e) pela visão de a pessoa idosa ser um peso social, pois não contribui economicamente para a sociedade e, assim, pode constituir um problema à economia do país.

Relacionar a população idosa a perfis socialmente desvalorizados, como o de pessoas improdutivas e incompetentes, e desclassificar suas características físicas, são fatores que subestimam este grupo populacional e geram a diminuição de seu *status* social. Essa visão estigmatizante referente à população idosa pode reproduzir uma forma de preconceito e discriminação baseada na idade, denominado idadismo (Souza-Guides, & Lodovici, 2018; Vieira, 2018). Uma característica desse tipo de preconceito é a forma como ele se apresenta: de maneira explícita ou numa forma mais sutil. Essa maneira benevolente é semelhante ao que ocorre no preconceito em relação ao gênero, em que tratamentos que são aparentemente positivos representam, muitas vezes, uma forma de discriminação que afeta esse grupo populacional (Souza-Guides, & Lodovici, 2018; Vieira, 2018). É de se notar essa forma sutil de preconceito por meio da supervalorização da juventude presente nas mídias, pela divulgação de inúmeros produtos de beleza com a promessa do rejuvenescimento, os quais evidenciam a aparência jovem como um ideal a ser alcançado, proporcionando a desvalorização da aparência natural da mulher idosa. Outro exemplo é quando nos referimos a esse público com termos como “melhor idade” ou “feliz idade” na intenção de suavizar a forma como a sociedade percebe o processo de envelhecimento.

É possível observar a complexidade do idadismo, seja pela dificuldade da sociedade em perceber e lidar com preconceitos e discriminações voltados para as pessoas idosas, seja pela naturalização de certas formas de tratamentos e abordagens a essa população, vistos em nossa cultura como gentileza ou polidez (Souza-Guides, & Lodovici, 2018; Vieira, 2018).

Os preconceitos e os estigmas em relação às pessoas idosas se constituem como uma violação aos direitos humanos, instituindo, assim, uma forma de violência praticada contra essa população. A violência apresenta-se de diversas formas, sendo algumas explícitas, outras sutis,

quando a pessoa idosa é violentada de variados modos, por meio de múltiplas manifestações e com algumas peculiaridades (Serra, 2014; Souza-Guides, & Lodovici, 2018).

O imaginário popular, ao referir a violência, a primeira ideia que a esta associa é a da violência física; há, porém, diferentes modalidades de violência, além dos maus-tratos físicos, como: a agressão verbal, o abuso sexual, a negligência, o abandono, a omissão da assistência, o preconceito, a discriminação, a exclusão, a infantilização da pessoa idosa. A violência pode ser instituída em bases relacionais de subjugo, forjada por referenciais simbólicos, em um campo de relações afetivas, íntimas e de confiança, favorecendo o exercício da exploração e da dominação, naturalizada e perpetuada por todos os seus componentes e atingindo membros subalternizados da sociedade (Serra, 2010; Souza-Guides, & Lodovici, 2018).

Pierre Bourdieu (1989) denomina esse modo particular de agir como “violência simbólica”, pois se apresenta de uma maneira suave, sutil e dissimulada, presente pelas vias do cuidado, da expressão de bem-estar. Simone Beauvoir (1990) considera que essa violência é exercida até mesmo no ambiente familiar, de forma invisível, branda, sob a idealização de “bem-cuidar”.

Uma manifestação desse tipo de violência, que não é fácil de ser percebida e identificada, pela pessoa que a pratica e por quem sofre a ação, é a infantilização da pessoa idosa, apresentada principalmente através da comunicação, mediante o uso abusivo dos diminutivos. Outra forma que pode ser evidenciada é pela privação da autonomia dessa população, impondo uma submissão em que cessa o direito de a pessoa idosa decidir o que é melhor para si (Serra, 2010). Floriano, *et al.* (2012) identificaram, em seu estudo, esse tipo de abordagem na fala de cuidadores entrevistados:

“[...] fica, assim, teimoso, você fala uma coisa, não faz isso!!! Ele faz [...]”
(C14)

“[...] é pior do que você cuidar de um bebê recém-nascido. Você olha, assim, e não é uma pessoa adulta que você vê, porque se torna uma criança. Faz birra porque não quer comer, fica com aquele bichão.” (C3)

“Eu levo ele, deito e enrolo, bonitinho como uma criancinha, sabe? Aí, ele dá uma risadinha, tipo um bebezinho, tão bonitinho[...] [risos].” (C7) (Floriano *et al.*, 2012, p. 546).

De forma mais explícita, e não raramente, observa-se, no dia a dia da sociedade, algumas expressões que atribuem aos idosos o *status* de criança, tais como: creche para idosos, babá para idosos.

Os cuidadores e familiares praticam, muitas vezes, essa abordagem infantilizante, quando a pessoa idosa necessita de auxílio para realizar as atividades do cotidiano, pois acreditam que, se não realizarem os procedimentos de cuidado, de modo demasiado, deixarão de atender suas necessidades (Floriano, *et al.*, 2012).

Fatores que podem explicar tal abordagem estão relacionados à percepção equivocada do comportamento da pessoa idosa que, para muitos, pode assemelhar-se ao de uma criança, que apresenta teimosia e resistência ao cuidado. Outros motivos podem ser por demonstração de afeto e compaixão, ou ainda pela desconsideração da pessoa idosa como uma pessoa adulta (Floriano, *et al.*, 2012).

Se o cuidador realizar esse tipo de abordagem, mesmo que não seja de maneira intencional, estará desconsiderando a pessoa idosa como um indivíduo adulto, que possui sua história de vida, suas vivências, seus saberes. Então, agindo de forma negativa e inadequada, sua atitude contribuirá para a perda da autonomia e para a dependência emocional da pessoa idosa para com este seu cuidador, até que ela comece a apresentar, de fato, o comportamento infantilizado (Floriano, *et al.*, 2012).

A infantilização da pessoa idosa também está presente na prática de profissionais de saúde, quando estes não respeitam suas opiniões e não comunicam devidamente seu estado de saúde, quando não os chamam pelo nome, e sim por “vovô” ou “vovó”, ou utilizam diminutivos para realizar os tratamentos, como, por exemplo: “Dá o bracinho”. Ou até mesmo ignoram sua presença durante o atendimento, falando com familiares como se a própria pessoa não estivesse presente, decidindo por ela sobre procedimentos a serem realizados, sem solicitar sua opinião (Corrêa, *et al.*, 2016; Serra, 2014; Souza-Guides, & Lodovici, 2018).

É essencial que cuidadores familiares e profissionais de saúde e de diversas áreas eliminem este tipo de abordagem às pessoas idosas, pois, quando a pessoa idosa é infantilizada, há a possibilidade de que sua dependência seja instalada ou fortificada, e sua autonomia seja cerceada (Corrêa, *et al.*, 2016). Portanto, é importante o entendimento do quanto esta abordagem pode impactar de forma negativa a vida de uma pessoa idosa, para então enfrentar e eliminar essa prática.

Hoffman, Paris e Hall (1994, como citados em Ferreira, 2016), destacaram que diversos estudos comprovaram uma tendência à desvalorização social da população idosa, devido aos

mitos e estereótipos relacionados ao processo de envelhecimento. Entre eles, estão o descrédito de suas capacidades, a visão de serem dependentes, e a infantilização.

Reitera-se que a abordagem infantilizante contribui para a redução da autonomia da pessoa idosa e, conseqüentemente, colabora para sua dependência, porque ela acaba assumindo esse papel que lhe é imposto, o que favorece o isolamento, e propicia a diminuição de sua participação social (Lodovici, & Concone, 2019). Santos (2010) destaca que a família, muitas vezes, vê a pessoa idosa como um ser frágil, acreditando que a melhor solução é a permanência dela em casa, pois dessa forma estará protegida.

O processo de envelhecimento, quando permeado por questões que desvalorizam a potencialidade do indivíduo, tende a diminuir consideravelmente sua qualidade de vida e participação social, gerando isolamento (Ferreira, 2016; Rizzolli, & Surdi, 2010). O isolamento social pode ser compreendido como um padrão comportamental contínuo, definido por uma diminuição da frequência e da duração das interações sociais. Em geral, este é percebido nas pessoas idosas que ficam durante muito tempo sozinhas ou em atividades solitárias. Essas condições favorecem o sentimento de solidão, que se apresenta como um fator que contribui para a redução do estado psicológico e a diminuição da qualidade de vida (Ferreira, 2016).

As habilidades devem ser evidenciadas e não somente as perdas advindas do envelhecimento, pois a integração da pessoa idosa no contexto social e familiar é fator importante, visto que uma relação direta, estreita, e duradoura com a família é algo essencial (Moliterno, *et al.*, 2012). Dessa maneira, torna-se necessária a reflexão sobre ações que possibilitem a inserção da pessoa idosa no meio social, pois sua participação em atividades culturais, sociais, espirituais e de lazer, junto à comunidade e também com a família possibilita o exercício de sua autonomia, eleva sua autoestima, e favorece os vínculos sociais (OMS, 2008). Tal fato foi evidenciado no estudo de Ruoco, Brêtas e Figueiredo (2014, p. 696), no qual uma idosa expressa sua opinião sobre o grupo de convivência de que participa:

“Faz com que nos fortalecemos e crescemos mais, aqui, a gente fica mais forte com a turma, com essa troca de energia, troca de pensamento. Hoje, a nossa turma vai se reencontrar, tomar um cafezinho.” (Ágata)

De acordo com D`Ávila (2013), ao se refletir sobre a participação social da pessoa idosa, deve ser considerada também a interação entre as diferentes faixas etárias, já que, quando ocorre o exercício da “intergeracionalidade”, as trocas de experiências e conhecimentos se ampliam. Santos (2010) reforça a ideia e acredita que essa troca é pouco valorizada em nossa sociedade,

mas que assume uma importância enorme, visto que o respeito mútuo e diferentes aprendizados podem ser desenvolvidos através dessa relação de convívio.

O crescimento da população idosa gera maior visibilidade sobre questões acerca do envelhecimento; porém, ainda é fundamental que a concepção sobre a velhice seja reformulada, para que os recursos sejam ampliados e haja a oferta de serviços que atendam, de fato, às necessidades e demandas dessa população (Rizzolli, & Surdi, 2010; (Lodovici, & Concone, 2019)).

Considerações Finais

É necessária muita compreensão sobre como a visão estigmatizante e os tipos de abordagens utilizados para se referir à população idosa podem interferir na perda da autonomia e favorecer o isolamento e a diminuição da participação da pessoa idosa no meio social. Justamente para que os obstáculos inerentes ao avançar da idade consigam ser superados e que a forma de perceber essas mudanças seja modificada, pois, como tentou-se mostrar no presente texto, a representação da velhice imposta pela sociedade exerce influência sobre a qualidade do processo de envelhecimento.

A mudança na forma de perceber essa população, rompendo com preconceitos e estigmas e, sobretudo, com a visão de dependência, em relação às pessoas idosas, poderia trazer transformações satisfatórias no que tange ao processo de envelhecer. Portanto, é necessária a reflexão sobre o impacto negativo que tais concepções podem causar nas pessoas idosas.

Aos profissionais das diversas áreas que lidam com esse público, cabe realçar as potencialidades, e empoderar as pessoas idosas para lidar com essas situações a que estão expostas. Inteirar os familiares e a todos sobre as consequências que as abordagens inadequadas, infantilizantes, e pouco atentas podem causar na vida das pessoas idosas significa auxiliar no fortalecimento e inserção desse público no meio social.

Referências

Almeida, P. M., Mochel, E. G., & Oliveira, M. S. S. (2011). O idoso pelo próprio idoso: percepção de si e de sua qualidade de vida. São Paulo, SP, Brasil: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 13(2), 99-113. Recuperado em 26 novembro, 2019, de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/5369/3849>.

Andrade, F. M., Bretas, T. C. S., Souto, S. G. T., Mendes, M. A. F., Andrade, J. M. O., & Versiani, C. de C. (2012). As características do cuidar em gerontologia na ótica da equipe multiprofissional do Centro de Referência à Assistência Social do Idoso (CRASI) do município de Montes Claros (MG), Brasil. São Paulo, SP, Brasil: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 14(4), 53-71. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/11697/8421>.

Andrade, M. A. R. (2011). Estigma e Velhice: ensaios sobre a manipulação da idade deteriorada. São Paulo, SP, Brasil: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 14(1), 79-97. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/6928/5020>.

Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.

Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.

Corrêa, R. da G. C. F., Santos, R. A. A. e S., Rolim, I. L. T. P., & Coutinho, N. P. S. (2016). Atenção no cuidado ao idoso: Infantilização e desrespeito à autonomia na assistência de enfermagem. *Revista de Pesquisa em Saúde*, 17(3), 179-183. Recuperado em 26 novembro, 2019, de: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahuufma/article/view/6793/4335>.

D'Ávila, M. N. (2013). *Idosas cidadãs: a participação social como produtora de subjetividade no projeto mulheres da paz*. (28p). Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Gestão da Atenção à Saúde do Idoso. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul e Grupo Hospitalar Conceição, Porto Alegre, 2013. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/coleciona-sus/2013/31089/31089-620.pdf>.

Ferreira, M. G. (2016). *Integridade Maior: Projecto de Prevenção da Solidão e Dependência do Idoso em Campolide*. (161 p.). Dissertação de mestrado em Psicologia Forense e da Exclusão Social. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/7134/Tese%20-%20Maria%20Ferreira%20final%20%281%29.pdf?sequence=1>.

Floriano, L. A., Azevedo, R. C. de S., Reiners, A. A. O., & Sudré, M. R. S. (2012). Cuidado realizado pelo cuidador familiar ao idoso dependente, em domicílio, no contexto da estratégia de Saúde da Família. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 21(3), 543-548. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v21n3/v21n3a08>.

Fralda, L. M. B. (2013). *Envelhecimento ativo e Serviço Social: práticas de envelhecimento ativo e seu reflexo na qualidade de vida e bem-estar psicológico de idosos*. (129 p.). Dissertação de mestrado em Serviço Social. Universidade Lusíada de Lisboa. Lisboa, Portugal. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <http://dspace.lis.ulusiada.pt/bitstream/11067/776/1/mssluciafraldadissertacao.pdf>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Estatísticas sociais, 2018*. Recuperado em 20 outubro, 2019, de: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>.

Lodovici, F. M. M., & Concone, M. H. V. B. (2019). Cultura, Envelhecimento e Longevidade: diálogos críticos, 64-107. In: Lopes, R. L. da C., & Côrte, B. (Orgs.). *Longevidade, Políticas e Mercado – Subsídios para profissionais, educadores e pesquisadores*. I.S.B.N.: 978-85-69350-26-2. São Paulo, SP: Portal Edições.

Minayo, M. C. S., & Coimbra Jr, C. E. A. (2002). O envelhecimento como problema. In: Minayo, M. C. S., & Coimbra Jr, C. E. A. *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FIOCRUZ, 11-25.

- Moliterno, A. C. M., Faller, J. W., Borghi, A. C., Marcon, S. S., & Carreira, L. (2012). Viver em família e qualidade de vida de idosos da universidade aberta da terceira idade. Rio de Janeiro, RJ: *Revista Enfermagem UERJ*, 20(2), 179-184. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <http://www.facenf.uerj.br/v20n2/v20n2a07.pdf>.
- Organização Mundial da Saúde. (2008). *Guia Global: cidade amiga do idoso*. Genebra: OMS, 2008. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <https://www.who.int/ageing/GuiaAFCPortuguese.pdf>.
- Organização Mundial da Saúde. (2015). *Relatório Mundial de envelhecimento e saúde*. Genebra: OMS. Recuperado em 20 outubro, 2019, de: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf;jsessionid=04C40E691544AD31F8E07D10BA344667?sequence=6.
- Pereira, R. F., Freitas, M. C., & Ferreira, M. A. (2014). Velhice para os adolescentes: abordagem das representações sociais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 67(4), 601-609. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <https://www.redalyc.org/html/2670/267032000016/>.
- Pinto, J. M., & Neri, A. L. (2017). Trajetórias da participação social na velhice: uma revisão sistemática da literatura. São Paulo, SP: *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(2), 259-272. Recuperado em 26 novembro, 2019, de: http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v20n2/pt_1809-9823-rbagg-20-02-00259.pdf.
- Pinto, L. S. P. D. (2009). *As vozes esquecidas: o abuso nos idosos visto pelos idosos*. (80 p.). Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/4393/1/12992.pdf>.
- Rizzolli, D., & Surdi, A. C. (2010). Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. Rio de Janeiro, RJ: *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(2), 225-233. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v13n2/a07v13n2.pdf>.
- Rosa, C. M., & Vilhena, J. (2016). O Silenciamento da Velhice: Apagamento Social e Processos de Subjetivação. *Revista Subjetividades*, 16(2), 9-19. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/5498/pdf>.
- Ruoco, M. T. M., Brêtas, A. C. P., & Figueiredo, E. N. (2015). Quem falou que idosa só fica em casa? *Revista Enfermagem UERJ*, 22(5), 693-698. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/4913>.
- Santos, P. (2010). *O convívio social em espaços coletivos: motivações e significados na vida cotidiana do idoso*. (96 p.). Dissertação de mestrado em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/471/1/425332.pdf>.
- Serra, J. N. (2014). *A violência contra a pessoa idosa: um olhar sobre a violência estrutural-social*. (236 p.). Tese de doutorado em Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão, Programa de Políticas Públicas. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <https://tede2.ufma.br/jspui/bitstream/tede/754/1/Tese-JaciraNascimentoSerra.pdf>.
- Serra, J. N. (2010). Violência simbólica contra os idosos: forma sigilosa e sutil de constrangimento. *Revista Políticas Públicas*, 14(1), 95-102. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/357/4230>.
- Souza-Guides, A. C. N., & Lodovici, F. M. M. (2018). O idadismo/Ageísmo sob a escuta dos idosos: efeitos de sentido e a utopia de um novo envelhecer, 175-210. In: Lodovici, F. M. M. (2018). *Envelhecimento e Cuidados: uma chave para o viver*. ISSN: 978-85-69350-15-6, São Paulo, Portal Edições.

Teixeira, S. M. O., Marinho, F. X. S., Vasconcelos, A. M. C., & Martins, J. C. de O. (2016). Da velhice estigmatizada à dignidade na existência madura: novas perspectivas do envelhecer na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, 16*(2), 469-487. Recuperado em 26 novembro, 2019, de: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/29179/20642>.

Teixeira, S. M. O., Marinho, F. X. S., Cintra Junior, D. de F., & Martins, J. C. de O. (2015). Reflexões acerca do estigma do envelhecer na contemporaneidade. Porto Alegre, RS: *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento, 20*(2), 503-515. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-834551>.

Vieira, R. S. S. (2018). *Idadismo: A influência de subtipos nas atitudes sobre os idosos*. (173 p.). Tese de doutorado em Psicologia. Universidade Federal da Bahia, Salvador. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/28506/3/Tese_Vieira_JAN19.pdf.

Recebido em 01/05/2020

Aceito em 30/07/2020

Bruna de Souza Gonsales Dutra - Terapeuta Ocupacional do Abrigo Cristo Redentor.

E-mail: g.brunadutra@gmail.com

Claudia Reinoso Araujo de Carvalho - Professora Adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: claudiareinoso@medicina.ufrj.br